



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS**

**CAMPUS ARAPIRACA**

**ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGENS E PRÁTICAS SOCIAIS**

**MARIA APARECIDA DA SILVA**

**DO ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO À ABORDAGEM  
SOCIOINTERACIONISTA DE LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DA  
LÍNGUA MATERNA**

**ARAPIRACA, AL  
2022**

MARIA APARECIDA DA SILVA

DO ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO À ABORDAGEM SOCIOINTERACIONISTA  
DE LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Linguagens e Práticas Sociais do Instituto Federal de Alagoas, *campus* Arapiraca, como requisito parcial para a obtenção do grau de Pós-Graduada em Linguagens e Práticas Sociais

·  
Orientador (a): Prof. Dr. Wellington Barbosa Silva.

ARAPIRACA, AL  
2022



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
***Campus Arapiraca***

---

S586d

Silva, Maria Aparecida da.

Do estruturalismo Saussuriano à abordagem sociointeracionista de linguagem: contribuições ao ensino da língua materna / Maria Aparecida da Silva. – 2022.

1 PDF: (1 arquivo: 279 kB).

Arquivo digital no formato PDF do trabalho acadêmico com 16 folhas.

Orientação: Prof. Dr. Wellington Barbosa Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como artigo científico (especialização, Pós-graduação em Linguagens e Práticas Sociais) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2022.

1. Linguística – teoria. 2. Língua portuguesa. 3. Ensino. I. Título.

CDD: 410

---

**Luciete Barbosa da Silva**  
**Bibliotecária CRB-4/1739**

MARIA APARECIDA DA SILVA

DO ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO À ABORDAGEM  
SOCIOINTERACIONISTA DE LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DA  
LÍNGUA MATERNA

Artigo científico apresentado ao  
Curso de Pós-Graduação Latu Sensu  
em Linguagens e Práticas Sociais do  
Instituto Federal de Alagoas, *campus*  
Arapiraca, como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Pós-  
Graduada em Linguagens e Práticas  
Sociais

Aprovado (a) em: 07 /04 / 2022.



AVALIADOR (A)

---

Prof. Dr. Wellington Barbosa Silva.  
Instituto Federal de Alagoas

**Do estruturalismo saussuriano à abordagem sociointeracionista de linguagem:  
contribuições ao ensino da língua materna.**

**Del estructuralismo saussuriano al enfoque sociointerativo del lenguaje: aportes a la  
enseñanza de la lengua materna.**

Maria Aparecida da Silva<sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e de reflexões realizadas em sala de aula sobre o ensino de língua Portuguesa e as teorias linguísticas. Ele tem o objetivo de analisar a teoria saussuriana e algumas críticas relevantes sobre a linguagem que contribuam para o ensino de língua até os processos de ensino aprendizagem na atualidade. Para alcançar este objetivo nos fundamentamos nos postulados de Biazi, Dias (2007); Carvalho (2015); Dantas (2020); Geraldi (2012); Macedo (2009); Santos Filhos (2012); Saussure (2012); Travaglia (2012). Contudo, constatamos, que a teoria estruturalista contribuiu e continua trilhando caminhos para melhor desenvolver o ensino aprendizagem na prática. Ajuda a compreender que na linguagem humana existe a língua e a fala e como elas se tornam importantes no exercício diário de interação entre as pessoas na sociedade. São estudos que favorecem melhores oportunidades de vida para o sujeito.

**Palavras-chave:** teorias linguísticas; língua materna; ensino

**Resumen**

Este artículo es el resultado de una investigación bibliográfica cualitativa y de reflexiones realizadas en el aula sobre la enseñanza de la lengua portuguesa y las teorías lingüísticas. Tiene como objetivo analizar la teoría saussureana y algunas críticas relevantes sobre el lenguaje que aportan la enseñanza de idiomas a los procesos de enseñanza-aprendizaje actuales. Para lograr este objetivo, nos basamos en los postulados de Biazi, Dias (2007); Carvalho (2015); Dantas (2020); Geraldi (2012); Macedo (2009); Santos Filhos (2012); Saussure (2012); Travaglia (2012). Sin embargo, encontramos que la teoría estructuralista contribuyó y continúa siguiendo caminos para desarrollar mejor la enseñanza y el aprendizaje en la práctica. Ayuda a comprender que en el lenguaje humano existe el lenguaje y el habla y cómo cobran importancia en el ejercicio diario de interacción entre las personas en sociedad. Son estudios que favorecen mejores oportunidades de vida para el sujeto.

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda do Curso de Especialização em Linguagens e Práticas Sociais do Instituto Federal de Alagoas-Campus Arapiraca. E-mail: maria.aparecida240718@gmail.com

**Palabras clave:** teorías lingüísticas; lengua materna; enseñando

**Data de Submissão:** 07.04.2022. **Data de aprovação:** 07.04.2022

<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/authorDashboard/submission/13513>

## Introdução

Historicamente, os estudos da linguagem têm como marco inicial a invenção da escrita, ou, até mesmo antes da invenção dessa tecnologia Aurux, (1992), apesar de nessa época, na antiguidade, esses estudos não serem ainda considerados científicos. Em vista deste advento (a escrita), sociedades como a Índia e a Grécia passaram a se interessar por fenômenos lingüísticos. Na exposição de (CÂMARA JR., 1975, p. 22) três estudos fundamentais foram desenvolvidos nesses dois países “[...] “O Estudo do Certo e Errado”, “O Estudo Filosófico” e “O Estudo Filológico da Linguagem”. ”. (Grifo do autor)

Na sociedade indiana se manteve o ponto de vista filológico que deu origem ao estudo do certo e errado. Esta visão tinha como expectativas compreender corretamente os textos sagrados, ou seja, havia interesses religiosos em aperfeiçoar os sons do sânscrito com finalidade de ser valorizados religiosamente. Já na Grécia, o principal ponto de partida foi por meio dos estudos filosóficos, sendo reconhecidos como principais autores dessas ideias, Platão, com seu trabalho o Crátilo. Nesta era discutida a linguagem pela visão fônica e sonora e como também a etimologia da palavra. E o outro, Aristóteles, que fundamentou sua teoria na visão do Demócrito. Assim, (CÂMARA JR., 1975, p. 25) afirma que os estudos filosóficos “[...] desenvolveram uma análise mais completa da linguagem e chegaram às asserções gramaticais, dando lugar a um debate referente à natureza da gramática. ”. Contudo, são estudos que se ampliaram e deram origem à gramática na perspectiva que ela é atualmente. Nesta trilha, fundamentada principalmente pela lógica, a Gramática dos gregos buscava corrigir, descrever e contribuir em produzir conhecimento. Ademais, é importante frisar que a ideia de signo lingüístico de Saussure também parte destes dois estudiosos, Platão e Aristóteles, Marcuschi (2008).

Assim, no avançar dos tempos, surgem novas ideias e se constrói novos estudos que chegam ao século XIX como um tesouro para os estudos lingüísticos, principalmente na visão filológica, histórica e comparatista. No século XIX, reconhecido como um período de retorno, descobertas de sociedades e novas línguas, os europeus fizeram várias viagens destinadas ao Oriente e Ocidente, o que demandou novos trabalhos em função do conhecimento da linguagem. Tomando por base Câmara Jr. (1975), admitimos que foi um período em que desenvolveu o método comparativo, sobre o qual criaram regras com a finalidade de comparar as línguas sistematicamente em seus aspectos gramaticais e grau de parentesco. A saber: o latim, o grego, o sânscrito, originário do indo-europeu; o francês, o italiano, o português, o romeno, o espanhol, nascido do latim vulgar, comprovados pelas pesquisas comparatistas.

Sendo esse método desenvolvido no fim do século XVIII junto a descoberta do sânscrito, viu-se que se tratava de uma língua que trazia traços coincidentes com o grego e o latim, detalhe que prendeu os olhares de muitos estudiosos, como por exemplo o do juiz inglês Sir William Jones que se destaca por divulgar e lançar hipóteses sobre a semelhança de origem entre elas. Em outro momento, quem se singularizou com esses estudos também foram os linguistas Jakob Grimm e Rasmus Rask, que mostraram as semelhanças comuns dos sons entre as línguas grega, latina e o sânscrito.

Dessa forma, chega-se aos estudos do século XX e neste momento é sabido que o conhecimento da linguagem como ciência surge a partir da publicação do Curso de lingüística Geral em 1916, na França. É uma obra póstuma, que proporcionou a definição o

do objeto da Linguística e seu método. Foi um trabalho organizado pelos discípulos do mestre genebrino que utilizaram as anotações dos colegas para a criação do livro. Ferdinand de Saussure lecionava na Universidade de Genebra e ministrou o curso de Linguística Geral por três vezes.

Cientificamente nesta época (1916), começaram os estudos estruturalistas da linguagem na Europa, tendo como foco/objeto de estudo, a língua. (MACEDO, 2009, p. 2) afirma que, “[...] ao considerar a língua como sistema bem organizado, Saussure contribui, relativamente, para o desenvolvimento da análise linguística,”. Ainda, segundo essa autora, no que diz respeito “[...] à teoria do signo linguístico, gerou ressonância a novos estudos e teorias. Outrossim, a vitalidade do pensamento desse estudioso parece renascer à medida que se multiplicam as pesquisas e trabalhos de interpretação. (MACEDO, 2009, p. 2) ”.

Logo, sabendo da vitalidade dessas pesquisas e da sua importância para os estudos da linguagem, sentimos a necessidade de apresentar neste trabalho a teoria estruturalista saussuriana e algumas outras que as criticam, com a finalidade de analisar suas contribuições para o ensino de língua materna. A saber: a teoria da enunciação de Émile Benveniste, a teoria do dialogismo de Bakhtin/Wolochinov, o estudo do gênero de Bakhtin e a Linguística Aplicada. Para tanto, nos fundamentamos nos estudiosos que discursam e refletem sobre essas pesquisas, doravante: Biazi, Dias (2007); Carvalho (2015); Camara Jr. (1975); Dantas (2020); Geraldi (2012); Macedo (2009); Santos Filhos (2012); Saussure (2012); Travaglia (2012).

Portanto, é um trabalho que se estrutura em distintas seções contando a partir da introdução até às referências. Na introdução fizemos uma breve contextualização histórica sobre a linguagem, no segundo capítulo, apresentamos o estruturalismo e as dicotomias saussurianas. A saber: língua e fala, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma, significado e significante. Na sequência trazemos o terceiro capítulo com as contribuições da teoria estruturalista para o ensino de línguas. Já no quarto, apresentamos os processos de ensino de língua materna na atualidade e para finalizar, as considerações finais e as referências.

## **A teoria estruturalista de Saussure**

O conhecimento da linguagem como ciência surgiu a partir da publicação do Curso de Linguística Geral em 1916, na França. Essa obra proporcionou a definição do objeto da ciência da linguagem (a língua) e seu método de análise. Foi um trabalho organizado pelos discípulos do mestre genebrino, Charles Bally e Albert Scheyaye, em 1916. Eles utilizaram os manuscritos do professor e as anotações dos cadernos dos colegas e elaboraram o livro. Ferdinand de Saussure se tornou conhecido, como professor, ministrou o curso de Linguística Geral por três vezes, nos anos de 1907, 1908 e 1910, três cursos os quais deu origem ao livro publicado em seu nome.

Gonçalves e Amaral (2014), logo entendem, que os resultados dessa publicação foram impactantes e intensos, principalmente nas discussões sobre as diferenças entre língua e fala. No entanto, com relação a essa disciplina, Saussure (2012, p. 37) esclarece que ela é formada por qualquer expressão da linguagem humana, independentemente de serem civilizados ou não, de ser uma linguagem bela ou correta. Com isso, Saussure demonstra entender muito bem as questões exteriores à língua, mas parece que, por opção, na iminência em delimitar o objeto da linguística escolhe a língua como um sistema de signos. Para mais, (GONÇALVES E AMARAL, 2014, p. 14) complementam a ideia apresentando que para o mestre genebrino a Linguística é posta de lado contrário às teorias que têm como ponto de partida os resultados dos sentidos. Elas explicam que é “[...] porque os fatos da linguagem não são exteriores à

experiência humana. ”. Ademais, na mesma trilha as autoras tratam de algumas responsabilidades dessa disciplina, afirmando que “[...] a Linguística teria as tarefas de fazer a descrição e a história de todas as línguas, deduzir as leis gerais, delimitar-se e definir-se.”

Assim, Saussure nos apresenta a Linguística, ciências que divide a linguagem em duas faces, uma sendo a representação do social, a língua (*langue*) e a outra representação do individual, a fala (*parole*), ambos intensamente ligados que só existem juntos, um complementando o outro. Nas palavras de (MACEDO, 2009, p. 2) a língua “[...] é como um sistema de signos formado pela união de sentido e da imagem acústica. Sentido enquanto conceito, ideia, significado; imagem acústica pensada como impressão psíquica, não como um som materializado. ”.

Diante disso, percebe-se que os estudos do mestre foram e continuam sendo fundamentais para uma melhor compreensão e definição da língua/linguagem. Seus postulados se fundamentam em duplas dicotômicas que definem e nos ajudam a compreender os conceitos como língua e fala, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma, significado e significante.

Na dicotomia Língua e Fala Saussure (2012) as diferenciam, afirmando que a língua é o objeto da ciência da linguagem é um produto social; também um conjunto de convenções aceita pela sociedade; é ela por ela mesma, além de classificatória, e pode ser estudada separadamente, pois é um material concreto. Nas palavras de (AQUINO E BEZ, 2011, p. 10) “A língua é um conjunto de saberes linguísticos que possuem os falantes e os possibilita fazer julgamentos de identidades e diferenças. Esses conhecimentos estão no “espírito” dos falantes, na “consciência” do coletivo, e é isso o que faz da língua um fato social. ”.

Já a fala para (SAUSSURE, 2012, p. 46) é diferente da língua, quando é vista como individual, acessória, heterogênea e assistemática, parece ter o mesmo valor, ou talvez se igualar, quando ele afirma que “a língua, não é menos que a fala, é um objeto de natureza concreta [...]”. Assim, vemos por meio da história, que a fala antecede a língua e a aquisição da fala, no que diz respeito à língua materna, é aprendido na interação do convívio com as pessoas mais próximas, ou seja, ouvindo-as. O mestre genebrino afirma que:

[...] é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas (SAUSSURE, 2012, p.51).

Então, compreendemos que ambas são fundamentais para os estudos da linguagem, cada uma com a sua independência e diferenças, mas necessárias para um melhor desempenho nas pesquisas.

Continuaremos na sequência com a dicotomia sincronia e diacronia. Carvalho (2015), explica que o mestre genebrino deixa para trás os estudos histórico-comparativos do século XIV, o método que analisava a evolução das línguas na trajetória tempo para estudar como se dava a estruturação da língua num recorte limitado do tempo, método compreendido como sincrônico. Neste, Saussure visa um estado de língua, ignora a história e diferencia acontecimentos sincrônicos de diacrônicos. Segundo (SAUSSURE, 2012, p.145) “À sincronia pertence tudo que se chama “Gramática geral”, pois é somente pelos estados de língua que se estabelecem as diferentes relações que incumbem à gramática”. Já no entendimento de Aquino e Bez:

Saussure não rompe com a linguística diacrônica. Ele separa os estudos sincrônicos dos diacrônicos como método de trabalho, mas não deixa de discutir a diacronia na língua. A realidade sincrônica não exclui a diacronia e vice-versa. Enquanto a diacronia trata de mudanças isoladas que representem

no sistema e o afetam como um todo, sincronia estuda valores e relações coexistentes dentro de um momento da diacronia. Ou seja, a diacronia aborda fatos de ordem acidental e particular e é sempre composta por sincronias (AQUINO E BEZ 2011, p.12).

Na diacronia, (SAUSSURE, 2012, p. 193) afirma que ela “[...]estuda não mais a relação entre os termos coexistentes de um estado de língua, mas entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo. ”. Em um esquema proposto por Saussure Carvalho (2015) apresenta o eixo sincrônico e o diacrônico com muita clareza. Ao observar o esquema percebe-se que o eixo sincronia aparece na parte horizontal de um ponto AB e a diacronia na vertical em um ponto CD. O primeiro é responsável pela mudança da língua em um recorte temporal. Já o segundo, trata das mudanças no decorrer dos tempos, por exemplo, o vocábulo você que era vosmecê, cê e hodiernamente vc.

Já a dicotomia sintagma e paradigma, tratam da relação entre os elementos linguísticos, a respeito de tais (CARVALHO, 2015, p. 7) argumenta que a linguagem possibilita duas maneiras de funcionamento “[...] a combinação (relações sintagmáticas) e a seleção (relações associativas ou paradigmáticas). ”. De acordo com a compreensão de Aquino e Bez a dicotomia apresentada logo acima define que:

Há dois tipos de relações possíveis, as associativas ou in absentia e as sintagmáticas ou in presentia. As primeiras tratam-se de possibilidades existentes na língua e no conhecimento ou consciência do falante. Esse agrupamento se forma de maneira diferente, seja por características morfológicas, seja pela semelhança entre os significantes ou entre os significados. Assim são relações de ordens diferentes que regem elementos pertencentes à gramática da língua. As relações sintagmáticas, por sua vez, representam as escolhas dos falantes, aquilo que foi recortado dentro das alternativas disponíveis. Podemos dizer que enquanto as primeiras estão disponíveis na língua às últimas pertencem à fala (AQUINO E BEZ, 2011, p. 11).

Depois dessas argumentações, finalmente chegamos à última dicotomia: significante e significado. Essa tem por finalidade definir o signo linguístico que é considerado a unidade de estudo da ciência da linguagem. A dicotomia significado e significante é muito importante para os estudos do mestre, pois possuem a noção de signo linguístico. Neste caso, Saussure afirma que:

O signo linguístico une não uma coisa nem uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material” é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (SAUSSURE, 2012, p.106).

Para esse cientista, o signo linguístico é como uma moeda, tem dois lados, ou seja, de um lado o significado do outro o significante, conforme (CARVALHO, 2016, p. 8), “O significado é tido como o conceito, a ideia que se faz de um objeto ou realidade, enquanto que o significante é a imagem acústica ou visual. É a impressão da imagem mental. ”. O signo linguístico tem duas características fundamentais que são a arbitrariedade e a linearidade. A

primeira não tem motivo que leve a associação dela com o significado. Na segunda as unidades do signo aparecem um, depois do outro, seja, na fala ou escrita.

Contudo, reconhecemos a importância dos estudos linguísticos saussureanos para o ensino da língua materna, visto que eles contribuíram e continuam contribuindo para ampliar os estudos da linguagem, tanto na teoria como na prática do dia a dia da sala de aula. A seguir, indo de encontro a Saussure, conheceremos pesquisas e teóricos que vêm abordando a linguagem no sentido mais amplo da prática, valorizando dessa forma o discurso, o texto e o sujeito, interagindo nas performances das diferentes esferas sociais.

### **Indo de encontro a Saussure: contribuições de diferentes teorias linguísticas para o ensino de língua.**

É observável nos estudos de Macedo (2009) e entre outros, que a definição de língua como sistema de signos formada por duas faces, significado e significante, alavancaram as críticas e auxiliaram em novas perspectivas para as pesquisas em linguagem. Émile Benveniste, um dos continuadores das ideias de Saussure foi um dos que se opôs à dicotomia significado e significante. Ele não concordava com a arbitrariedade do signo linguístico, por conta da falta da realidade que seria um fator fundamental para significar, Benveniste se preocupava com o sentido da linguagem que estava intimamente ligada à formação de valores sociais.

Na compreensão de (SANTOS FILHO, 2012, p. 21) “[...] a língua não serviria apenas para comunicar, para transmissão de uma mensagem, como postulou Saussure, mas para viver, visto que para Benveniste com a falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade.”. Entretanto, entendemos que Benveniste criou a teoria da enunciação, se posicionou deixando de lado as diminuições e exclusões da linguística estruturalista, principalmente, porque ela não aceitava a linguagem em uso no tempo real e não aceitava o sujeito. Afirma (SANTOS FILHO, 2012, p. 22) que, "Enunciar é falar. Benveniste realiza um estudo da fala enquanto enunciação.”

Outro pesquisador muito importante que analisou os estudos de Saussure e deu nova direção aos estudos da linguagem, foi o filósofo Mikhail Bakhtin, em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Bakhtin/Volochinov), ao dialogar nesta obra os autores criticam o estruturalismo de Saussure e simultaneamente apresentam o estudo da enunciação concreta, o dialogismo.

Fundamentados em Macedo (2009) compreende-se que Bakhtin compartilha com Saussure quando se trata da língua como fato social que precisa da comunicação, mas não concorda com o mesmo diante da concepção de língua como sistema de regras. (MACEDO, 2009, p.3) “Acredita que todas as esferas da atividade humana, em suas variadas formas, estão sempre relacionadas com a utilização da língua.”. Dessa forma, é compreensível que a língua, é viva e se manifesta por meio da comunicação real e não por meio de um sistema de regras que se realiza na mente dos sujeitos falantes. Bakhtin não concordava com a língua sem mudança, limitada em um recorte temporal e sem diferenças, ou seja, sendo ela por ela mesma.

Destarte, conclui (MACEDO, 2009, p. 3), “A língua é apresentada por Bakhtin não como objeto abstrato, todavia como atividade social, fundada nas necessidades de comunicação, assim, a natureza da língua seria essencialmente dialógica.”. Portanto, conforme as reflexões sobre estes estudos se tornam perceptível que Bakhtin se encontra nas abstrações da linguística estruturalista reconhecendo-as como insuficiente em relação à comunicação verbal. Sendo a partir daí o ponto chave para os estudos do dialogismo.

Santos Filho (2012) enfatiza a importância dessas ideias para o ensino, hoje. Ele apresenta em seu trabalho uma reportagem da revista Nova Escola de agosto de 2009, que traz como título “O filósofo que deu vida à linguagem”. Para este professor, esta reportagem indica que as ideias de Bakhtin/Volchinov continuam sendo de muito valor para os estudos, tanto em academias como no diálogo da formação pedagógica dos professores. (SANTOS FILHO, 2012, p.42) explica que “[...]esse fato se dá porque a teoria de Bakhtin é uma das molas propulsoras para o trabalho de língua portuguesa nos dias atuais no Brasil, desde a publicação, em 1997, dos Parâmetros curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. ” Acredita-se então, que agora mais ainda, com o reforço da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) o que reafirma uma prática de ensino a partir dos gêneros textuais discursivos. Um ensino voltado para o desenvolvimento interativo de língua/linguagem. As palavras de Wallace Dantas (2020) reforçam que:

Na atualidade, a aplicabilidade dos gêneros ao ensino de língua materna atende às propostas da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que, por sua vez, dentro de tantos outros documentos normativos, toma como fundamento os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.. (DANTAS, 2020, p. 67).

Voltamos a Santos Filho (2012) e compreendemos que a proposta dos PCNs e da BNCC defende o ensino a partir do texto e como também na perspectiva de gênero discursivo defendida por Bakhtin. Sendo esse filósofo considerado o revolucionário da Linguística do século XX, por considerar a linguagem interativa e dialógica, ou seja, que dá vida às pesquisas da linguagem se opondo à teoria estruturalista que vê a língua por ela mesma. Esta obra de Bakhtin/Volochinov não critica somente o estruturalismo de Saussure, mas também o formalismo russo. Portanto, Santos Filho (2012) deixa claro que Bakhtin/Volochinov se opõem:

[...] à compreensão de signo em Saussure, que, daquele modo, não passaria de um sinal, em sentido de sempre ser reconhecido pelo outro, como conteúdo imutável. Eles entendem que “o signo é decodificado [compreendido]: só o sinal é identificado”. Signo, nesse sentido, é sempre variável e flexível (SANTOS FILHO, 2012, p. 47).

Adiante com a discussão sobre signo, o pesquisador expõe que se trata de algo que é levado para o exterior do próprio signo. Dessa forma o signo se significa mutuamente, afirma Santos Filho (2012, p.47) “[...]ao mundo dos fenômenos naturais, aos do mundo material e aos produtos de consumo, existe um universo específico; o mundo dos signos – o mundo dos significados. ”.

Na teoria de Mikhail Bakhtin, a que trata da teoria do gênero do discurso, e a que continua estudando a língua diferente da concepção de estudo de Saussure, faz-nos entender que, segundo as palavras de Dantas (2020):

Gênero do discurso são artefatos linguísticos, elementos historicamente definidos, que se encontram atrelados às esferas da comunicação e da atividade humana. Portanto, trabalhar com gênero é trabalhar com a língua em ação, em atividades e usos funcionais; em síntese, é trabalhar com a língua viva, desprendida dos limites da forma e da estrutura (DANTAS, 2020, p. 68).

Nesta situação da língua e do discurso, o gênero é visto como a estruturação do diálogo do dia a dia. Neste sentido, considera-se sua variedade sem fim e na prática cada esfera tem sua diversidade ou o que se entende como heterogeneidade. Por esse olhar, (MACEDO, 2009, p. 4) chama atenção para a “[...] importância do estudo do gênero do discurso para todas as áreas da linguística. ”

Dando sequência a este trabalho, abordamos aqui algumas considerações sobre os estudos da Linguística Aplicada (LA), área de conhecimento que se ampliou muito a partir dos estudos estruturalistas. Foram pesquisas fundamentais para a estruturação dessa ciência, conforme reconhece (COSTA, 2009, p. 85) que “[...] a linguagem, a história e o discurso são partes essenciais de nosso trabalho, na constituição dos alicerces da Linguística Aplicada.” Costa acrescenta que os estudos do século XIX já mostravam indícios que se precisava definir a LA como ciência, principalmente, com a finalidade de se desvincular da Linguística e possuir sua própria área de conhecimento. Explica a autora que os primeiros conceitos relacionados à LA, foram apenas para desconsiderá-la enquanto ciência pura.

Porém, a partir da década de 40 essa ciência foi surgindo com força em busca de independência de sua área de conhecimento, aparecendo, principalmente, no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na Europa e nos Estados Unidos. Costa (2009, p. 86) escreve que:

[...] sendo este fato histórico de certa forma responsável pela atribuição de cientificidade ao estudo da linguagem. Mediante a necessidade de realizar contatos com os aliados e inimigos falantes de outras línguas passa a ser visto com outros olhos, com outras perspectivas, deixando de ser apenas um método cujo objetivo único era o de ensinar a ler (COSTA, 2009, p. 86).

São fatos em que se observa o quanto a linguística foi se desenvolvendo e ampliando cada vez mais os estudos da linguagem, principalmente a questão do ensino na prática. Observamos o que articula (COSTA, 2009, p.87) quando responsabiliza os linguistas pela ampliação do ensino de línguas no período da II Guerra Mundial, de acordo com a pesquisadora, esse progresso “[...] resultou em um vasto campo de estudo, pesquisa e produção de material teórico e prático, marcando assim a fase inicial do desenvolvimento da área, Linguística Aplicada, nos anos posteriores, propagando-se rapidamente pelo mundo ocidental.”

Dessa maneira, até chegar ao Brasil, ela passa por algumas etapas. (COSTA, 2009) discorre que em 1946 a mesma já fazia parte das disciplinas da Universidade de Michigan, ao mesmo tempo criavam-se o English Language Institute; Charles Frieis e Robert Lado, foram os responsáveis. Na Europa, a Linguística Aplicada chega vinte anos depois, em 1964 com a Associação Internacional de Linguistiquée (AILA) e em 1966 com a Bristish Association of Aplied Linguistics (BAAL). E nos Estados Unidos, trinta anos depois, surge a América Association of Aplied Linguistics em 1977. Já em nosso país, a Linguística Aplicada chega em 1970 com o primeiro Programa de estudos de Pós-Graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (LAEL), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Enquanto a Associação de Linguística do Brasil (ALAB), só foi criada em meados de 1990.

No entanto, é um momento de marco histórico para os pesquisadores da LA. Na abordagem da (CELANI, 1992) foi como um “[...] indicativo de maturidade dos profissionais da área.” É o tempo em que, afirma Biazi e Dias (2007):

[...] a Lingüística Aplicada estabelece-se como uma área própria de conhecimento. Seu campo de estudo passa a tratar, não somente sobre questões de sala de línguas, mas, principalmente, sobre a linguagem em uso em diversos contextos sociais, tais como a linguagem utilizada no trabalho, na mídia, no ambiente familiar, por grupos marginalizados socialmente (adultos não alfabetizados, indígenas, mulheres em situação de vulnerabilidade, homens e mulheres homoeróticos, etc.). (BIAZI; DIAS, 2007, s/p).

Destarte, a LA é uma ciência que age conscientizando os sujeitos sobre a capacidade e o impulso da linguagem nas práticas do dia a dia. Assim como outras, ela tem a responsabilidade de dar um retorno às exigências da sociedade, e esse exercício ela realiza por meio da linguagem. A LA busca contribuir para que haja melhores relacionamentos sociais entre os

sujeitos e que eles tenham oportunidades de viver com qualidade. Portanto, diante dos fatos, percebe-se a importância do desenvolvimento da ciência da linguagem para a sociedade como um todo, da sua origem até os dias atuais.

### **Os processos de ensino aprendizagem de língua materna na atualidade**

Muitas têm sido as reflexões sobre os problemas do ensino de língua portuguesa no Brasil, principalmente quando se busca encontrar soluções eficientes para esse ensino. Para (GERALDI, 2012, p. 39) é o que estamos acostumados a chamar de “crise do sistema educacional brasileiro”, problema que tem lugar de destaque por causa do mau desempenho linguístico dos alunos apresentados no uso da língua, seja na utilização da fala ou da escrita. Para esse autor (2012, p. 39) é possível comprovar tais afirmações sobre esse baixo desenvolvimento do uso da linguagem por meio de exemplos como “[...] as redações de vestibulandos, o vocabulário da gíria jovem, o baixo nível de leitura comprovável facilmente pelas baixas tiragens de nossos jornais, revistas, obras de ficção, etc.”.

Com relação a prática em sala de aula, (GERALDI, 2012, p. 40) explica que há uma grande necessidade, antes de qualquer exercício próprio para a prática escolar, pois “[...] é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade- com os mecanismos utilizados em sala de aula. ”. Para ele ainda se faz importantes alguns questionamentos prévios sobre a questão ensinar, por exemplo:

[...] – para que ensinamos o que ensinamos?, e sua correlata: para que as crianças aprendem o que aprendem? – é esquecida em benefícios de discussões sobre o como ensinar, o quando ensinar, o que ensinar, etc. Parece – me, no entanto, que a resposta ao “para que” dará efetivamente as diretrizes básicas das respostas (GERALDI, 2012, p.40).

Para o autor, vale refletir sobre esses questionamentos e pensar numa resposta para justificar a finalidade e a função do ensinar e dessa forma pode ser possível um princípio de mudança na aprendizagem. Essas reflexões foram de muita efervescência no final do século XX e continuam ainda sendo de fundamental importância para o ensino da Língua Portuguesa atual.

Irané Antunes (2003), também contribui com essas reflexões para o ensino de Língua Portuguesa. Tanto ela como outros autores têm se debruçado em busca de soluções para esse desafio. De um lado, ela se sente pressionada em escrever sobre esse tema, pelo fato de constatar práticas que não atendem mais o ensino atual, por outro lado, se sente feliz e instigada por ter a oportunidade de contribuir com os exercícios em pauta. Logo, (ANTUNES, 2003, p. 13) afirma que pretende “[...] que aqueles objetivos mais amplos e relevantes sejam alcançados e que se favoreça um contacto mais positivo do aluno com a língua que ele estuda, a fim de que saiba falar, ouvir, escrever e ler mais adequada e competentemente. ”

Para Antunes (2003) já é mais que comprovado que as instituições governamentais têm buscado ações que favorecem uma escola de formação de qualidade. Essas atividades se realizam em cursos de capacitação para professores e por meio de avaliações, neste caso, a autora faz referência aos trabalhos realizados para elaboração e divulgação dos (PCN) Parâmetros Curriculares Nacionais, do (SAEB) Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, do (PNLD) Programa Nacional do Livro Didático e as provas de vestibulares das universidades. Temos também o (ENEM) Exame Nacional do Ensino Médio que é a maior porta de entrada para o ensino superior e coloca muita lenha na fogueira nas discussões sobre o ensino de língua.

As propostas dos PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (1998), orientam que o ensino da língua colocado em prática tem primordialmente como ponto de partida e como ponto de chegada o exercício da linguagem. PCN (1998, p. 19) afirma que “O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidades de plena participação social. ”. Entretanto, fica claro que é por meio da linguagem que os sujeitos interagem, recebem informações, se posicionam e ampliam as suas visões sobre o mundo. Nessas circunstâncias os (PCN, 1998, p. 20) explicam que “Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. ”. É sabido que dessa maneira as condições de produção não são realizadas de qualquer forma.

Na BNCC (2018) as orientações sobre o ensino de língua se fundamentam na produção e análise dos gêneros, “[...] considerando suas criações e transformações atreladas àquilo que no referido documento é chamado de “campos de atuação social” (DANTAS, 2020, p. 74) “. (Grifo do autor). Se observa então, que nessa perspectiva, no trabalho com o gênero é necessário respeitar a variedade dos elementos, com relação a essa afirmação Dantas (2020) destaca alguns destes, que ele acredita ser importante, por exemplo:

[...] a modalidade (que pode ser oral e/ou escrita); o suporte (que pode ser do mais para o menos familiar) e o contexto social (que abordará análises de adequação dos diversos textos abordados em sala visando um melhor entendimento dos diversos públicos-leitores). Deve-se considerar ainda as questões de linguagens (aspectos verbais e não verbais, assim como as variações de dialetos e registros), gramática e textualidade (pois o trabalho da gramática deve estar atrelado ao do texto, onde um não deve se sobrepor ao outro, mas sim andarem em harmonia) (DANTAS, 2020, p. 75).

Tão logo, retornamos aos PCN, (ANTUNES, 2003, p. 22) afirma que eles valorizam uma concepção interacional e discursiva da língua e “[...] estabelecem que os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o do **uso** da língua oral e escrita e da **reflexão** acerca desses usos. ” [Grifo do autor]. Segundo ela, esses documentos não fazem nenhuma referência ao uso famigerado de conteúdos tradicionais da gramática. Ademais, a fim de reforçar essa ideia temos as propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (DANTAS, 2020). Com essa mesma visão são as orientações do SAEB, para Antunes (2003, p. 22) elas “[...] contemplam explicitamente apenas um conjunto de habilidades e competências em compreensão e nada de definições ou classificações gramaticais. ”.

Para o ensino de língua materna, (TRAVAGLIA, 2009, p. 17) apresenta cinco objetivos os quais aparecem nas quatro respostas dadas a seguinte questão: “ “Para que se dá aula de Português a falantes nativos de Português” ” [grifo do autor]. Na primeira resposta, a qual ele acredita ser fundamental e pertinente para o ensino, ele propõe o primeiro objetivo:

[...] que o ensino de língua materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a **competência comunicativa** dos usuários da língua (falante, escritor/ ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicações. (TRAVAGLIA, 2009, p. 17) [grifo do autor].

Na prática, o aluno precisa ser levado a ter acesso a uma grande diversidade de textos e interagir comunicativamente por meio de atividades de análises de enunciados e de produção dos mesmos.

Na segunda resposta (TRAVAGLIA, 2009, p. 19) trata de mais dois objetivos, esses preocupam muito os profissionais do ensino de Português, são eles: “[...] levar o aluno a

dominar a norma culta ou língua padrão; b) ensinar a variedade escrita da língua. ”. Para ele, ambos objetivos são justificáveis pelo fato de considerar a bagagem que o discente traz de casa ao ingressar na escola, esse aluno conhece e domina a norma coloquial do lugar que ele vive, são conhecimentos importantes para os níveis de ensino fundamental e médio por motivos que valorizam a política, o social e a cultura. No ensino de Português é necessário aprender a linguagem formal e a linguagem informal e suas situações de uso.

Na terceira resposta, (Travaglia, 2009, p. 20) nos traz o quarto objetivo que cuja finalidade “[...] é levar o aluno ao conhecimento da instituição linguística, da instituição social que a língua é, ao conhecimento de como ela está constituída e de como funciona (sua forma e função). ”. Para esse pesquisador, conhecer a instituição linguística é tão fundamental quanto conhecer os saberes de outras instituições, por exemplo o casamento, as religiões, a justiça, etc.

Na última resposta o autor propõe seu quinto e último objetivo, que se relaciona ao exercício de metalinguagem e a teoria gramatical, além do ensino de língua materna. Dessa maneira seu objetivo é “[...] ensinar o aluno a pesquisar, a raciocinar. Ensinar o raciocínio, o modo de pensar científico. (TRAVAGLIA, 2009, p. 20) ”. Nesta última, o pesquisador parece tratar de um objetivo mais amplo voltado para as pesquisas do campo da linguagem.

### **Considerações finais**

No decorrer deste trabalho foi apresentado um breve histórico sobre os estudos linguísticos, refletindo sobre diferentes teorias que se debruçaram sobre questões relacionadas à língua. Foi abordado, ainda, as suas contribuições para o ensino de Língua e como também dos processos de ensino de língua materna atual. Consideramos a teoria estruturalista de Saussure como um ponto de partida para compreendermos melhor a teoria e a aplicação na prática. No entanto, foi possível observar como estes estudos podem contribuir para desmistificar equívocos existente no ensino de línguas materna. Dessa forma, o material procurou trazer uma discussão prévia de como estes estudos contribuíram para o desenvolvimento da ciência da linguagem e o ensino de língua materna atualmente nas escolas. Por meio dessas ideias, acredita-se que elas possam contribuir para o ensino mais consciente que valorize o aluno e inclua-o na escola fazendo-o entender que lá também é o seu lugar de aprendizagem e de ser compreendido.

Espera-se que seja uma produção que colabore em despertar ideias para novas pesquisas e um melhor entendimento do ensino da linguagem mostrando os dois lados da língua, como ela é no sistema e na fala com toda sua complexidade. Que os professores compreendam muito bem essa metodologia para saber passar melhor ainda para os seus alunos. É um trabalho que interessa a professor@s e alun@s do campo das letras e áreas a fim.

### **Referências**

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AQUINO, de Carla; BEZ, Alessandra da Silveira. Saussure e o Estruturalismo: retomando alguns pontos fundamentais da teoria saussuriana. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n.º 42, Jun.

de 2011. P. 5-7. EISSN: 2236- 6385. Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>>

AUROUX, Sylvain. **A evolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas – SP Unicamp, 1992.

BLAZI, T. M; DIAS, L. C. F. **O que é linguística aplicada**. Anais do Universidade em foco: o caminho das humanidades. UNICENTRO, agosto, 2007.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. - Brasília: MEC/CEF, 1998, 106 p.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 6 ed. Petrópolis - RJ. Editora Vozes Ltda, 1975.

CARVALHO, Francisco Romário Paz. Saussure e o ensino de língua materna. **Linguagem Educação e Memória**. Edição n. ° 08 de jun. de 2015. Disponível em: < <file:///C:/Users/maria/Downloads/3512-11939-1-SM.pdf>> Acesso em: 20.10. 2019.

COSTA, Hilda Rodrigues da. Saussure, os estudos Lingüísticos no século XX e a Lingüística Aplicada. **REVELLE- Revista de Educação, Linguagem e Literatura** da UEG-Inhumas. ISSN 1984-6576-v.1 n.2, outubro de 2009.

DANTAS, Wallace. Gênero do discurso e gêneros textuais: da teoria à aplicação no ensino de linguagem na Educação Básica brasileira. **Revista Amor Mundi**, Santo Ângelo, v. 1, n. 2, p. 67-77, nov. 2020. Disponível em:< <https://journal.editorametrics.com.br>> Acesso em: [28.12.2021](https://journal.editorametrics.com.br).

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de linguagem e ensino de Português**. In: GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. (Org.) João Geraldi Wanderley. São Paulo: Anglo, 2012. 136p.

GONÇALVES, Adilza Rita Gomes; AMARAL, Maria Virgínia Borges. **Saussure, uma obra sem fim**. In: SANTOS, Maria Francisca Oliveira; MORAIS, Eduardo Pantaleão de, CAVALCANTE, Ricardo Jorge de Souza (Orgs.). - Maceió: EDUFAL, 2014.

MACEDO, Wilza Carla Leão de. **Por Saussure e Bakhtin: concepções sobre língua/linguagem**. I Congresso Nacional de linguagens e representações: linguagem e leituras. III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de leitura. VII encontro local do PROLER VESC –Ilhéus-BA- 14 a 17 de out. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Preliminares: Breve excursão sobre a linguística no século XX**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008, 23 p.

PASCHOAL, M. N. Z. & CELANE, M, A.A. (ORGS) **Lingüística Aplicada: da aplicação da Lingüística Transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992.

SAUSSURE, de Ferdinand. **Curso de linguística geral**. (Org.) Charles Bally, Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Cheline, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein.28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Fundamentos da Linguística II**. Instituto Federal de Alagoas Departamento de Educação a Distância Universidade Aberta do Brasil. Maceió, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Concepções de linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed.- São Paulo: Cortez, 2009, 3p.